

QUESTÃO 61

Eu sentia falta do futuro. É claro que eu sabia, muito mesmo antes da recorrência dele, que nunca envelheceria. Era muito provável que eu nunca mais fosse ver o oceano de uma altura de trinta mil pés de novo, uma distância tão grande que não dá nem para distinguir as ondas, nem nenhum barco, de um jeito que faz o oceano parecer um enorme e infinito monólito. Eu poderia imaginá-lo. Eu poderia me lembrar dele. Mas não poderia vê-lo de novo, e me ocorreu que a ambição voraz dos seres humanos nunca é saciada quando os sonhos são realizados, porque há sempre a sensação de que tudo poderia ter sido feito melhor e ser feito outra vez.

GREEN, J. *A culpa é das estrelas*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2012.

O texto apresenta uma reflexão da personagem acerca de um problema característico da filosofia contemporânea, que trata da(s)

- A implicações éticas.
- B finitude humana.
- C limitações da linguagem.
- D pressuposição existencial.
- E objetividade do conhecimento.

Assunto: Finitude e tanatologia

A reflexão da personagem, no texto de John Green, toca em um tema central da filosofia contemporânea: a finitude humana. A consciência da impossibilidade de reviver experiências passadas e a inevitabilidade da passagem do tempo evocam a fragilidade da condição humana. A personagem lamenta a perda da oportunidade de ver o oceano novamente, simbolizando a perda de momentos e a inevitabilidade da morte, que impõem limites às vivências e aos desejos. Esse reconhecimento da finitude gera uma ambição insaciável, pois, mesmo quando os sonhos se realizam, a percepção de que o tempo é limitado e que as experiências são efêmeras traz uma profunda reflexão sobre a vida e sua transitoriedade. Portanto, a mensagem do texto revela a luta entre o desejo humano por experiências e a realidade da limitação temporal que todos enfrentamos.

Item: B